

Propõe:

A criação de uma comissão permanente, ligada à Comissão de Direitos Humanos da B'Nai B'rith e à Comissão Justiça e Paz da CNBB para detectar, denunciar e condenar todo e qualquer movimento discriminatório.

4. Núcleos Regionais

A VI Assembléia Anual recomenda à Comissão Nacional (DCJ) um trabalho respeitoso mas eficaz no sentido de expandir sua atuação através de:

a) conseguir a organização de Núcleos Regionais do diálogo lá onde ainda não existem;

b) iniciar a orientação para atingir grupos de jovens que garantam a continuidade do movimento.

IMPRESSÕES SOBRE OS CAMINHOS NA LEITURA MAIS RECENTE DO EVANGELHO (E CARTAS) DE JOÃO

Pedro Lima Vasconcelos

Temos constatado uma agradável surpresa: tem crescido significativamente, entre nós, o interesse pelo EVANGELHO de João e a abordagem dele em novas perspectivas. Tem sido possível constatá-lo seja pelas solicitações de cursos e aprofundamentos para grupos como do CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos), seja pelo volume de publicações sobre este escrito. A *Bibliografia Bíblica Latino-americana*¹, em seu volume 7, referente ao ano de 1994 e que está em vias de ser publicada, constata do dobro de títulos em relação ao ano anterior. Isso só já seria motivo para grande satisfação: a teologia e a leitura da Bíblia que se tem feito em nossa pátria latino-americana, que têm priorizado especialmente os evangelhos sinóticos, parecem agora se render aos encantos e mistérios que o quarto EVANGELHO levanta, bem como à sua relevância hermenêutica para a vida de nossas comunidades e igrejas.

Esta última observação merece ser destacada pois, além de termos um crescimento numérico nas produções sobre o quarto EVANGELHO, notamos também mudanças qualitativas de grande significação. Apesar de textos (que não são poucos) que apenas repetem métodos e conteúdos, encontramos outros que inovam, buscam novos caminhos, novas abordagens. É sobre estes caminhos que queremos dedicar estas poucas linhas. Não faremos aqui resenhas de obras, mas apontaremos o que julgamos serem pistas importantes para um progressivo apossar-se deste EVANGELHO à luz da vida e das experiências das comunidades e igrejas em nossa América Latina. O que se segue é, também, resultado da experiência de magistério e assessoria a alguns grupos e estudantes de teologia, cuja recordação se faz necessária, além de gratificante. Priorizamos aqui as considerações sobre o EVANGELHO,

1. Trata-se de uma publicação anual, que recolhe e classifica toda a produção bíblica feita ou editada na América Latina, de responsabilidade do Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião de São Bernardo do Campo, SP, e editada pela Editora Vozes.

não deixando, porém, de recorrer às cartas de João quando isto se faz necessário.

UM EVANGELHO COMUNITÁRIO

O EVANGELHO de João serviu de base, em grande parte dos casos, para as elaborações teológicas no campo do discurso sobre Deus, sobre Jesus, sobre o Espírito. Especialmente no campo da reflexão cristológica o EVANGELHO recebeu atenção particular. Fala-se comumente na “alta cristologia” de que este escrito seria portador, à diferença dos evangelhos sinóticos, que testemunhariam uma cristologia mais modesta, mais primária. João representaria, portanto, o coroamento da reflexão cristológica no primeiro século e seria a base natural para as teologias posteriores.

Poder-se-ia fazer, aqui e ali, reparos a esta compreensão bastante difundida. Mas o que destacamos aqui é uma omissão. Pouco ou nada se percebeu no tocante à eclesiologia, à reflexão sobre a comunidade de fé e sua vivência. Mais de que em outros textos do Novo Testamento, havia uma difi-

culdade em perceber que o evangelho se dirigia a pessoas reais, em situações concretas, não sendo, portanto, um escrito genérico e amorfo, sem incidência imediata pretendida. A ausência do termo *ekklesia* talvez tenha ajudado a que o caráter eclesiológico, comunitário do quarto evangelho fosse descuidado.

Porém é justamente esse caráter que faz a diferença! Não é por não discorrer sobre a igreja e seus atributos (como bem gostaria os teólogos!) que o quarto evangelho não é eclesiológico. Ele o é no melhor sentido: surgiu de uma comunidade e deve ser entendido à luz da trajetória desta! Não reflete abstratamente sobre “igreja” mas, com os pés bem ficados no chão, ouve comunidades e a elas fala². A linguagem típica dos escritos joaninos é genérica ou abstrata apenas na aparência: os longos discursos de Jesus, suas controvérsias com opositores, suas admoestações aos discípulos ou reais, como a sede, a fome, o serviço do escravo! Não se pode perder este pano de fundo, sob pena de a leitura dos textos perder muito de sua incidência e pertinência!

2. Sobre este assunto não pode ser minimizada a importância, entre nós, dos estudos de Raymond E. Brown sobre a literatura joanina, em particular de seu *A comunidade do discípulo amado* (Edições Paulinas, São Paulo, 1984), onde se busca exatamente reconstituir a trajetória da comunidade joanina desde seu surgimento até sua dissolução, nos inícios do século II.

Há mais um aspecto a ser destacado, que ainda é pouco percebido. Quando lemos o evangelho de João preocupados em identificar para quem ele é dirigido (pergunta fundamental para se definir a função do escrito) o que encontramos são comunidades feitas de pessoas marginalizadas, tanto social como religiosamente, que constroem sua identidade e expressões religiosas a partir de tal realidade³. E então o evangelho se nos mostra, já que circunstancial, também provocante, desafiador e atrevido, porque diferente, porque expressão de comunidades com rosto bem peculiar!

UMA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA PECULIAR

Na verdade, parece serem outros os motivos pelos quais se avaliou que o evangelho de João pouco ou nada teria a apontar em termos eclesiológicos. Nele não vamos encontrar, por um lado, os caminhos que vão caracterizar as

elaborações eclesiológicas no decorrer do século, fortemente centradas em considerações sobre as autoridades eclesiásticas e as hierarquizações de poder. Ao contrário disso, o que lemos em João é uma afirmação insistente e reiterada da identidade da comunidade que se define por uma postura de des-cipulado, na consequência daquilo que o Mestre fez (Jo 13,15). Por outro lado vamos encontrar em João uma postura de suspeita frente a grupos ou pessoas que reivindicam privilégios na comunidade, provenientes de uma pretensa intimidade ou proximidade maior com Jesus. Isso se nota especialmente nas reservas com que a figura de Pedro é apresentada no evangelho, muitas vezes contraposta à do discípulo amado⁴. A palavra sobre o “apóstolo” em Jo 13,16, aliás, a única vez em que o substantivo aparece no livro todo, também revela, de forma eloquente, as concepções do evangelho a respeito⁵. E as imagens mais vivas da comu-

3. Neste aspecto um estudo importante, em muitos aspectos complementar ao de Raymond E. Brown, é intitulado *Interpretación del evangelio de Juan*, de Klaus Wengst (Ediciones Sígueme, Salamanca, 1988).

4. Note-se que o capítulo 21, reconhecidamente um acréscimo posterior ao evangelho, apresenta Pedro numa posição que não é a que lemos nos capítulos 1-20: a de mediador, aquele que apascenta as ovelhas que são de Jesus (Jo 21, 15-17). Ora, essa não é a imagem que encontramos, por exemplo, em Jo 10!

5. Sintomaticamente, as versões modernas da Bíblia tendem a não traduzir, neste contexto, o termo grego “apóstolos” pelo convencional “apóstolo”, mas o tomam apenas como uma forma participial (“enviado”). Será mera coincidência que justamente este texto, que parece por limites ou sutilmente criticar prerrogativas de apóstolos, não seja adequadamente traduzido?

nidade, como as que lemos em Jo 10 (rebanho) e 15 (os ramos da videira) nos apontam para uma concepção bastante radical de “democracia comunitária”, em que não há distinções entre os membros, visto que estão ligados, como ramos, ao tronco, e têm consciência de que, como pastor, o ressuscitado os conhece a todos, como o pastor conhece suas ovelhas!

Este é apenas um aspecto da experiência religiosa da comunidade subjacente ao quarto evangelho, que a caracteriza como bastante particular e independente. Toda independência incomoda... Talvez por isso mesmo a teologia da libertação não tenha dado suficiente atenção ao evangelho de João, já que não oferecia, a princípio, subsídios para a redescoberta do Jesus histórico⁶, e pelo fato de que foi particularmente no campo da eclesiologia que as tensões relacionadas com tal teologia se mostraram mais sensíveis e evidentes⁷.

Um outro elemento que deve ser aqui notado é que, ao contrário do que possa parecer, na tradição

joanina encontramos desenvolvidas considerações éticas e práticas bastantes pertinentes. A insistência na prática daquilo que o evangelho chama de “novo mandamento” como condição para a identidade da comunidade discípula, insistência que aparece em I Jo de maneira quase exagerada é uma afirmação contundente de que o seguimento de Jesus é de fato eficaz se ancorado na renovação de práticas cotidianas, modestas, na relação entre as pessoas da comunidade. Terá sido este aparente “acanhamento” o responsável pelo pouco valor que o evangelho de João teve, até bem pouco, em grupos preocupados com as implicações sociais dos textos bíblicos?

UM EVANGELHO INCULTURADO

Mas outras facetas desta experiência devem ser destacadas. O evangelho de João revela surpreendente familiaridade com expressões religiosas e de espiritualidade provenientes de grupos que não primam exatamente por se inseri-

rem no pensamento religioso e político dominante. É verdade (nem sempre foi suficientemente destacado) que o evangelho de João respira profundamente as tradições judaicas e as relê constantemente, a partir do evento Jesus, gestando a impressionante imagem dele que aí lemos (Jo 2, 1-11 é apenas um destes casos eloqüentes)⁸. Mas não é só. A proximidade de João com o mundo cultural e religioso do grupo radical de Qumran, cujos escritos foram descobertos há meio século, tem sido destacada⁹. As relações de João com o gnosticismo têm sido motivo de intensos debates, que estão longe de se encerrarem¹⁰. Queremos aqui chamar a atenção para uma outra fonte indispensável para a compreensão do evangelho, a saber, as influências da religião e teologia samaritanas no quarto evangelho. Este tema tem sido pouco estudado e aqui não podemos fazer se-

não indicações. A partir do texto fundamental de Jo 4, sob o qual Raymond E. Brown lê a entrada de grupos samaritanos na comunidade joanina¹¹, pode-se notar que não apenas samaritanos entraram na comunidade, mas trouxeram suas concepções mais particulares, que destoavam em muito daquelas vigentes no judaísmo de então, entre elas a compreensão de Moisés e da figura do messias, bem como a relativização do papel de Davi. Tais influências se revelam, por exemplo, no chamado “prólogo” (Jo 1, 1-18), texto que é considerado por muitos a síntese cristológica do evangelho. Certamente uma pesquisa mais acurada revelará outras aproximações significativas entre o evangelho de João e a experiência desta comunidade vista com bastante reserva pelo judaísmo centrado no templo de Jerusalém¹².

6. É de todos conhecido que a cristologia latino-americana tem como ponto de partida a figura do Jesus histórico, particularmente a que se pode resgatar da leitura dos evangelhos sinóticos.

7. O exemplo mais evidente a este respeito é a polêmica, de todos conhecida, em torno do livro *Igreja carisma e poder*, de Leonardo Boff. Mesmo assim, e justamente por causa disto, se pode falar de uma atrofia acentuada na eclesiologia latino-americana. Cf. a respeito SOARES, Sebastião Antônio Gameleira. Reler Paulo, desafio à Igreja. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, 1995, 20, p. 42-45.

8. Cf. o importante livro de Frédéric Manns (*L'évangile de Jean à la lumière du judaïsme*. Franciscan Printing Press, Jerusalém, 1991) e o artigo de José Severino Croatto (Jesus à luz das tradições do Êxodo: a oposição Moisés/Jesus em Jo 6. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, 1994, 17, p. 27-35).

9. Cf. a respeito os estudos publicados em CHARLESWORTH, James H. (ed.). *John and the Dead Sea scrolls*. The Crossroad Publishing Company, Nova Iorque, 1990.

10. Na verdade, é muito difícil resumir as diversas posições que se têm tomado neste debate. Cf. para isso, a leitura que Wengst faz da história da pesquisa neste século (*Interpretación...* p. 11-30).

11. BROWN, Raymond E. *A comunidade ...* p. 35-41.

12. Não é necessário aqui senão recordar o conflito secular que opunha judeus e samaritanos, resumido de forma tão simples em Jo 4,9.

UM EVANGELHO SUSPEITO.

Todos esses elementos (e ainda outros) só podem caracterizar o evangelho de João como um escrito altamente peculiar e problemático, não só em relação às instâncias religiosas dominantes de então, como também dentro do cristianismo emergente. Essa constatação se reforça quando nos perguntamos pela recepção do evangelho no cristianismo do segundo século. É reconhecido que o evangelho de João teve suas dificuldades para ser reconhecido em determinados grupos cristãos, e é fato que foram os grupos gnósticos e a eles associados que mais fizeram uso dele já no fim do século I, ou seja, imediatamente após ter ele sido escrito, e em todo o século II¹³. E o acréscimo do capítulo 21 teve papel decisivo na aceitação do evangelho pela "Grande Igreja"¹⁴. E, especialmente, foram as cartas que serviram de princípio hermênutico e garantiram que o evangelho poderia ter uma leitura tolerável por ela¹⁵.

Esta "canonização" do evangelho de João não esconde, porém, sua história peculiar, a trajetória

muito particular de sua comunidade, e os incômodos profundos que provoca numa mentalidade acostumada a pensar num cristianismo primitivo absolutamente único, uniforme, padronizado, monolítico em termos de conteúdos doutrinários. E mais: o evangelho parece relativizar tais padrões, na medida em que propõe como decisiva a experiência radical do discipulado autêntico. Sempre haverá de destoar, de "desafinar", quando o tom e o ritmo forem ditados pelas instituições que pretendem deter o monopólio do sagrado.

AS MULHERES NO EVANGELHO DE JOÃO

Um campo ainda pouco explorado e que promete surpresas para quem se encanta com a diversidade e, quem sabe, sustos em algum desatento é o da presença das mulheres como modelos para o discipulado. E aqui só podemos fazer indicações sobre "a audácia da comunidade joanina no tocante a sua concepção do papel das mulheres" no espaço eclesial¹⁶.

O lugar da samaritana no evangelho parece ser decisivo. Já apontamos acima que a entrada de samaritanos teve profundas implicações no desenvolvimento ulterior da comunidade joanina e interferiu de forma marcante na formulação de suas expressões religiosas e teológicas. Não será significativo que o quadro que o evangelho apresenta para exprimir todo este complexo histórico e teológico mostre Jesus conversando com uma mulher da Samaria, a portavoza de todo o samaritanismo que está sendo trazido para dentro do evangelho? O que indicará a surpresa dos discípulos relatada em Jo 4, 27? E o que tem a nos dizer a figura da samaritana missionária de Jo 4, 39, cuja palavra de testemunho é comparada com a de Jesus, aquele sobre quem ela testemunha (Jo 4, 42)?

Uma anotação rápida sobre Marta e o que lhe é atribuído em Jo 11, 27: é nos seus lábios que são colocadas as palavras que expressam a compreensão adequada de Jesus, segundo o evangelho de

João, que foi escrito com a finalidade de levar à confissão de Jesus messias, filho de Deus, conforme Jo 20, 31. Marta realiza, portanto, em termos da confissão messiânica, o ideal de discipulado apresentado pelo evangelho¹⁷!

A última figura feminina sobre a qual tecemos aqui algumas considerações é a de Maria Madalena, que forma com Jesus, na expressão atrevida de Juan Mateos e Juan Barreto, "o novo casal"¹⁸. O evangelho, em consonância com vários escritos gnósticos, afirma a aprofunda proximidade entre ambos, que, no texto de Jo 20, 11-18, vai do choro pela perda do amado, passando pelo sutil apelo erótico¹⁹ à missão de anunciar a ressurreição aos discípulos, entre os quais se encontram os doze. Se nos recordamos que, em alguns círculos do cristianismo primitivo, a convivência com Jesus e o testemunho de sua ressurreição são como que "condições" para o reconhecimento de um apóstolo (cf. At 1, 21-22), podemos perceber a ousadia com que se descreve o papel desta mulher...

13. BROWN, Raymond E, A comunidade... p. 97-161.

14. Idem, p. 167-169.

15. As epístolas serviram, para a Grande Igreja, de "guia de interpretação correta" do evangelho (Idem, p. 153).

16. Uma discussão mais pormenorizada se encontra em BROWN Raymond E. *A comunidade...* p. 193-209. É significativo também o estudo de Elisa ESTEVEZ *(A mulher na tradição do discípulo amado)*. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, 1994, n. 17, p. 65-74. A expressão citada é da p. 66)

17. Vale aqui recordar, para nos darmos conta da relevância do texto e de suas implicações, que no evangelho de Mateus o papel similar ao que acabamos de notar em Marta é representado por Pedro, num texto (Mt 16,16-19) do qual todos conhecemos a recepção e a utilização!

18. MATEOS, Juan e BARRETO, Juan. *O evangelho de São João*. Edições Paulinas, São Paulo, 1989, p. 819.

19. Para Juan Mateos e Juan Barreto nesta perícope encontramos uma releitura do texto de Cântico dos Cânticos (O evangelho... p. 821-825).

Tamanha criatividade nas expressões literárias e teológicas, que envolvem profundamente corpos e vidas de mulheres, terá explicação adequada apenas se reconhecemos a liderança efetiva de mulheres na comunidade da qual o evangelho surge e para a qual se dirige. Tal reconhecimento, que tem evidentes repercussões no momento eclesial que vivemos, traz à tona uma das facetas mais significativas do discipulado radical que é proposto nos escritos da tradição joanina.

INDICAÇÕES CONCLUSIVAS

Concluir propriamente é impossível, pois estas linhas quiseram apenas indicar novas possibilidades de leitura dos textos da tradição joanina à luz de questões emergentes na realidade de nossas igrejas e comunidades. No momento atual, cheio de desafios e incertezas, onde os grupos cristãos buscam respostas e em que, no caso específico, a igreja católica no Brasil vive um momento de alinhamento interno conjugado com uma grande timidez em se manifestar frente às circunstâncias e com a desautorização tácita de tudo o que represente um posicionamento mais consistente,

distinto, diante da situação real da população, a leitura do evangelho e cartas de João pode representar um alento e um alerta. Um alento para todos os grupos e comunidades que persistem na busca de coerência e de compromisso efetivos, em nome de sua fé e de sua experiência do Ressuscitado. Buscar alternativas é o caminho sempre, mesmo que a maioria teime em trafegar pela via congestionada e saturada. Representa também um alerta, para que não se busque sufocar as manifestações diferentes, silenciar as expressões diferenciadas, em nome da preservação de uma unidade artificial que, longe de indicar força, pode revelar a fragilidade de quem não consegue conviver, respeitar e admirar o outro, a diferença. O evangelho de João não se presta a utilizações padronizadas e autoritárias, muito pelo contrário...

Pedro Lima Vasconcellos é Mestre em Ciências da Religião pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião), doutorando em Ciências da Religião pela mesma instituição e Professor na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção - Campus II.

CULTURA POPULAR, LAICIDADE E MINISTÉRIOS¹

Ênio José da Costa Brito

PRESSUPOSTOS HERMENÊUTICOS

Toda a macroanálise, no livro encontramos muitas, nos deixa assustados, perturbados, paralizados sem saber onde buscar forças para começar a reagir. Uma macroanálise do exercício dos poderes no Brasil revela que: "o legislativo vende, o executivo compra e o Judiciário sobressalta"³.

Acredito não ser preciso provar, pois, os fatos estão aí, tão evidentes que até a Rede Globo de Televisão, velha especialista em fantasiar a realidade nacional, tem tido dificuldades de escondê-los.

A sensação é de impotência, pois, "o fisiologismo por aqui é tão velho e bem aceito que é tratado como direito adquirido"⁴.

A permanência neste patamar analítico pode levar a demonizar a política. No entanto, se completar-

José Comblin tem o dom de surpreender sempre a cada novo livro, "**Cristãos rumo ao século XXI. Nova caminhada de libertação**" lançado pela editora Paulus, mantém esta tradição².

A reflexão não é estática, nem só retrospectiva, mas dinâmica e prospectiva. Com um linguagem direta e atual discute questões importantes para os cristãos neste final de milênio. Nas suas análises lúcidas, finas e às vezes ironica deixa transparecer seu amor à liberdade e à Igreja e sua esperança, "Ecclesia semper renovanda".

"**Cristãos rumo ao século XXI**" é um livro sapiencial, profético e inquietante. Para uma "recepção" adequada de suas análises, questionamentos e perspectivas faz-se necessário alguns pressupostos.

1. Conferência apresentada na Escola Dominicana de Teologia com o título "Libertação cultural e pessoal", em maio de 1996. O artigo retoma a primeira parte da conferência com pequenas modificações.
2. COMBLIN, José, *Cristãos rumo ao séc. XXI. Nova caminhada de libertação*, São Paulo, Paulus, 1996.
3. KRAMER, Dora, Coisas da Política. Nossos pobres poderes, em: *Jornal do Brasil*, sábado, 18 de maio de 1996, p. 2. "... a generalização é proposital, embora seja evidente que não é todo o legislativo, todo o executivo e todo o judiciário que está envolvido nesta prática". (Kramer, art, cit., p.2)
4. KRAMER, Dora, art. cit., p.2 .